

Receção portuguesa do Modernismo brasileiro

[Portuguese reception of the Brazilian Modernism]

Arnaldo Saraiva*

Palavras-chave

Modernismo português, Modernismo brasileiro, Relações literárias Portugal-Brasil, Receção, Semana de Arte Moderna.

Resumo

Unidas pela mesma língua e por um estreito relacionamento secular, as literaturas de Portugal e do Brasil quase se ignoraram mutuamente durante o período modernista, que por sinal foi para ambas um dos mais fecundos períodos da sua história. Aqui não serão referenciadas as causas dessa ignorância mútua (entre as quais a crescente onda nacionalista e a guerra mundial); são apenas focadas as poucas, desfasadas ou tardias e mais ou menos desproporcionadas ou até equivocadas referências que suscitou em Portugal o Modernismo brasileiro, no entanto acolhido em geral com evidente simpatia e calorosa compreensão.

Keywords

Portuguese Modernism, Brazilian Modernism, Portugal-Brazil literary relationships, Reception, *Semana de Arte Moderna*.

Abstract

United by the same language and a close secular relationship, Portuguese and Brazilian literature almost ignored each other during the Modernist period, which was, incidentally, one of the most fertile periods of their history. This article will not mention the causes of that mutual unfamiliarity (among which the growing nationalist wave and world war). It will only focus on the few, delayed or late, and more or less disproportionate or even wrong references that Brazilian Modernism elicited in Portugal, having been, however, generally welcomed with clear affection and warm understanding.

* Professor Emérito da Universidade do Porto.

Quando já se preparava para celebrar o primeiro centenário da sua independência, o Brasil foi sacudido pelo que poderemos chamar a epifania do seu movimento modernista, que, de acordo com Tristão de ATHAYDE, um dos seus primeiros críticos, foi o mais importante movimento cultural e artístico da história brasileira: “Podemos afirmar que sua herança representa o património mais rico de toda a nossa evolução cultural” (1972: 20). E é consensual o reconhecimento da relevância e da projeção que tiveram nas últimas décadas alguns criadores relacionáveis com o primeiro modernismo, como a pintora Tarsila do Amaral, o escultor Victor Brecheret, o músico Heitor Villa-Lobos e os escritores Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima e Gilberto Freyre.

A epifania ocorreu entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, quando se realizou no Teatro Municipal de São Paulo a chamada Semana de Arte Moderna, que mobilizou escritores, músicos, artistas plásticos e um numeroso público para conferências, recitais, concertos e exposições. As múltiplas reações entusiásticas, jocosas e depreciativas que a Semana provocou de imediato na imprensa brasileira, não só na paulistana, foram idênticas às reações que sete anos antes provocara em Portugal a publicação do *Orpheu*, que sinaliza a epifania do modernismo português. Apesar de se querer uma revista luso-brasileira, que por sinal fora imaginada e nomeada em Copacabana, e apesar de no seu primeiro número ter como codiretor o brasileiro Ronald de Carvalho, que por sinal disse poesia e fez uma conferência no primeiro dia da Semana, o *Orpheu*, quer dizer, o movimento modernista português, não suscitou então nenhum interesse no Brasil. Só a bem dizer, nos finais da década de 1930, os intelectuais brasileiros em geral – já não se diz os comuns leitores brasileiros – começaram a saber da existência de gente como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e José de Almada Negreiros (SARAIVA, 2021a).¹

E a Semana de Arte Moderna, ou o nascente modernismo brasileiro que eco teve em Portugal?

Ainda não dei por concluídas as minhas pesquisas, mas até hoje não encontrei em publicações portuguesas nenhuma alusão à Semana, nem no decurso dela, nem nos meses seguintes. A primeira referência a autores do “Brasil moderno” aparece numa “carta aberta”, dirigida “ao Portugal de Hoje, ao Portugal de vinte e tantos anos”, que António Ferro publicou na revista lisboeta *Contemporânea*, n.º 9, de março de 1923; mas o texto limitava-se a dar conta do indesmentível triunfo do próprio Ferro no Brasil, onde, com a companhia teatral de Lucília Simões, desembarcara em 22 de maio de 1922 e de onde regressara em abril de 1923, e, para calar os que o caluniavam, invocava como possíveis testemunhas desse triunfo, entre outros, os

¹ Esta questão, sobretudo no caso do poeta dos heterónimos, também é contemplada num artigo recente de Rodrigo XAVIER, “Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)” (2021).

nomes dos modernistas Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Paulo Prado, Di Cavalcanti e Carlos Drummond, este então com 21 anos. A carta terminava com a promessa de ir “revelando a Portugal” a “geração admirável em cujos braços” estivera (FERRO, 1923: 154).



Figs. 1a. e 1b. *Contemporânea*, n.º 9, de 1923. Capa e p. 151 (texto de Guerra Junqueiro).

No final desse ano de 1923, em trânsito marítimo entre a França e o Brasil, Oswald de Andrade visitou com António Ferro o *Diário de Lisboa*, ao qual deu uma curta mas expressiva entrevista, que saiu com o título “Ideias-novas – A arte e a literatura do Brasil moderno” (ANDRADE, 1923; cf. Fig. 2) e em que declarou que o “movimento modernista”, iniciado com a Semana de Arte Moderna, “começou a espalhar-se, a tomar fôlego, para varrer de todo, num futuro próximo, a retórica académica de que enferma a literatura brasileira”, para “acertar o relógio brasileiro” que “andava atrasado 30 anos” e para “criar uma língua nova, riquíssima, que não pode ser o português clássico”. E depois de citar uma dúzia de escritores, artistas plásticos e músicos empenhados nessa tarefa, informou que tencionava voltar a Lisboa para, imagine-se, pronunciar a conferência “Espírito e forma de Paris” sobre o “notável pintor português” Amadeo de Souza Cardoso, com quem convivera na capital francesa, onde, então companheiro de Tarsila do Amaral, também contactara com Picasso e outros grandes pintores e escritores modernistas.

António Ferro não cumpriu bem a promessa de ir revelando a nova geração brasileira; só mais de um ano depois publicou no *Diário de Notícias* lisboeta de 31 de maio o artigo “A nova literatura brasileira” (FERRO, 1924) com os subtítulos “Graça

De “uma nova geração” intelectual brasileira fala também o texto “Apologia pro generatione sua” que Gilberto FREYRE (1925) publicou no segundo número da revista lisboeta *Portugália* (cf. <https://purl.pt/283>). Entre a dúzia de nomes que cita só dois ou três estavam implicados no movimento modernista, mas fala num “programa da nossa geração” de “reação contra os falsos valores da vida, economia e cultura que nos impuseram uma filosofia e um liberalismo sem raízes nos nossos antecedentes e nas nossas atualidades”, e de reintegração no “Brasil brasileiro dos nossos avós”, assim sinalizando em relação a outros projetos ou manifestos modernistas uma diferença teórica que o programa ou manifesto regionalista de 1926 – e afinal a generalidade da obra do sociólogo – tornaria mais patente.

Parece estranho que João de Barros, um ensaísta muito ligado à cultura brasileira, sobretudo desde que visitara o Brasil pela primeira vez em 1912, ou desde que com João do Rio fundara, em 1915, a revista luso-brasileira *Atlântida* (veja-se: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Atlantida/Atlantida.htm>), nunca se tenha referido nos seus livros e crónicas à Semana de Arte Moderna ou aos modernistas brasileiros, nem mesmo depois da terceira viagem ao Brasil, exatamente no ano de 1922, quando integrou a comitiva do presidente da República António José de Almeida nas comemorações da Independência do Brasil. Mas imaginamos como seriam difíceis as suas leituras dos modernistas brasileiros se pensarmos na distância que sempre guardou em relação aos modernistas portugueses, que aliás explicitamente se distanciaram dele. No Catálogo Oficial da Exposição Internacional do Rio de Janeiro – Secção Portuguesa, publicado nesse mesmo ano de 1922, foi João de Barros que assinou o texto “A poesia e os poetas de Portugal”, em que referiu nomes como os de Correia de Oliveira, Américo Durão, Augusto Casimiro, sem dedicar uma só palavra a Pessoa, Sá-Carneiro ou Almada Negreiros. Diga-se de passagem que, nos muitos textos de portugueses ou de brasileiros relacionados com a viagem de António José de Almeida – recolhidos por Luís DEROUET, no livro *Duas Pátrias* (1923) –, não se vislumbra qualquer referência à agitação cultural que ia pelo Brasil (há felizmente uma referência ao êxito da proposta de Jaime Cortesão para uma convenção literária entre Portugal e Brasil que garantia os direitos de propriedade literária e a obrigatoriedade da remessa de obras a publicar para as bibliotecas nacionais de Lisboa e do Rio).

Também estranhamente, do movimento modernista brasileiro não se ocupou nunca a revista em boa parte modernista *Contemporânea* (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/CONTEMPORANEA/Contemporanea.htm>), revista que publicou dez números nos anos 1922, 1923 e 1924, mais um suplemento em forma de jornal em 1925 e três números de uma terceira série. Curiosamente, no seu segundo número celebrou “o terminus da travessia aérea do Atlântico” por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e falou do “entusiasmo com que foi recebido no Rio de Janeiro o nosso colaborador António Ferro” (“Noticiário”, p. 1); e no terceiro número informou que a revista era “lida no Brasil pelo público juiz” de missões culturais (p.

IX). Lembre-se entretanto que a *Contemporânea* publicou textos como “Arte de bem morrer (Fragmento da conferência que com este título António Ferro vai realizar no Rio de Janeiro” (n.º 2, junho de 1922, pp. 89-91); “Apresentação de António Ferro ao público do Rio de Janeiro”, de Carlos Malheiro Dias (n.º 8, fevereiro de 1922, pp. 97-99); a já mencionada “Carta aberta ao Portugal d’hoje, ao Portugal de vinte e tantos anos”, de António Ferro, no número 9 (pp. 151-154); “O barracão dos romeiros”, de Oswald de Andrade (no mesmo n.º 9, pp. 155-156), claramente um episódio (erótico) do seu romance *Os Condenados*, editado no ano anterior; “Carta aberta de Oswald [sic] Andrade a António Ferro sobre a arte e a literatura novas no Brasil”, no suplemento de Março de 1925 (p. 3); e finalmente, no segundo número da terceira série, um texto de apresentação de Tarsila do Amaral, da autoria de Ferro, poucas páginas depois de um “Quadro” da artista modernista brasileira (pp. 84-85).



Figs. 3a. e 3b. *Contemporânea*, n.º 2 [3.ª série], de 1926. Capa e p. 84 (texto de António Ferro).

No nono número da *Contemporânea*, pode ainda ler-se uma nota constante do “Noticiário” assinado por A. de S. R., que vale a pena transcrever (p. 162):

Dr. EPITACIO PESSOA

Na alta individualidade do Ex-Presidente da Republica Brasileira, de passagem por Lisboa no ultimo dia do passado mez, a CONTEMPORANEA, saudando-o, aproveita mais uma vez o ensejo de saudar a Patria do Brazil, lembrando o acolhimento fraternal dispensado pelo illustre visitante ao nosso Chefe de Estado, por ocasião da sua estada no Rio de Janeiro, e o entusiasmo delirante com que o povo, nosso querido irmão, coroou o “terminus” da viagem aerea, levada triunfalmente a cabo pelos nossos aviadores Gago Coutinho e Saccadura Cabral. E n’essa saudação vai toda a nossa simpathia e apreço pela linda Patria, cuja

civilização de littoral floriu na lyra de Olavo Bilac e cuja seiva interior se desentranhou em perfume selvático na fruta do genial indígena Catullo da Paixão Cearense.

Olavo Bilac, Catulo da Paixão Cearense... mas nenhum modernista.

A *Revista Portuguesa*, que se publicou quinzenalmente em Lisboa de 10 de março a 13 de outubro de 1923, e que se queria empenhada na renovação da literatura e da arte, foi dirigida por Victor Falcão e incluiu, no número 5, de 14 de abril, o ensaio de Ruy GOMES, “Vida intelectual brasileira – Os grandes desconhecidos” (1923)². O ensaísta começa por afirmar que no Brasil era bem conhecida “a literatura portuguesa, mesmo as obras dos escritores novos” (*quod erat demonstrandum...*), enquanto em Portugal não havia “o merecido interesse pelo conhecimento da literatura brasileira”, já que apenas se conhecia “Coelho Neto e Olavo Bilac, e alguns outros de conhecimento mais limitado – Machado de Assis, Euclides da Cunha, Raimundo Correia e poucos mais”. Em seguida garante que a “nova geração” brasileira “é mesmo fulgurante”, “é uma geração inebriada de entusiasmo e de audácia, de imaginação e de sonho”, pelo que se impõe que Portugal *descubra* a literatura brasileira, descoberta – diz – “bem mais fácil e cómoda” do que a de Cabral; mas quando esperávamos que fosse ocupar-se dela, e que se tratava só da geração modernista, somos surpreendidos com a promessa de que vai apenas ocupar-se “dos *grandes desconhecidos* da magnífica geração literária que acaba de surgir”... que na verdade era uma geração anterior à modernista. Na verdade, começa por se ocupar de Lima Barreto, que supõe “completamente desconhecido” em Portugal, ignorando que foi em Lisboa que saiu, em 1909, por A. M. Teixeira / Livraria Clássica, o seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*; passa depois para Gilka Machado, que dá como “a maior de todas as poetisas que escrevem em língua portuguesa”, disputando o “cume da magnífica montanha da poesia brasileira” com Pereira da Silva e Catulo da Paixão Cearense; e promete ocupar-se, em continuação, de Pereira da Silva, Monteiro Lobato, Catulo, Aníbal Matos, Romeu de Avelar, nenhum deles marcado por traços tipicamente modernistas. Aliás, essa continuação não se verificaria, mau grado a promessa feita no número de 9 de junho de 1923 (p.12): “A *Revista Portuguesa* publicará brevemente alguns artigos de Ruy Gomes sobre a «Vida Intelectual Brasileira”.

No mesmo dia 9 de junho (de 1923, ano em que passaram por Portugal Oswald de Andrade e Gilberto Freyre³), foi criada na Faculdade de Letras de Lisboa uma Cadeira de Estudos Brasileiros, confiada inicialmente ao historiador Oliveira Lima; mas este não tardou a partir para os Estados Unidos, cedendo o lugar a Manuel de Sousa Pinto, que nascera no Brasil e viera aos 3 anos para Portugal, onde

² Em 1983, publicou-se uma edição fac-similada da *Revista Portuguesa*, pela Contexto Editora.

³ De Lisboa, Gilberto escreve em 1923 três cartas a Oliveira Lima, como em 1930 escreveria ao pai (FREYRE, 1978).

se formou em Direito e Letras. Tanto quanto depreendemos, até pelo conteúdo das suas prosas, ironizadas por Fernando Pessoa⁴, no seu ensino pouca atenção terá prestado aos modernistas; na conferência que pronunciou na Faculdade de Letras de Coimbra, no verão de 1929, sobre *Romancistas Brasileiros*, só referiu romancistas do sec. XIX e início do sec. XX, falando no nome de Mário de Andrade, mas só por causa do título *A Escrava que Não é Isaura*, e falando no nome de José Américo de Almeida só para prometer outra palestra, que nunca faria, sobre “escritores da atualidade”. No verão seguinte, Sousa PINTO pronunciaria, também na Universidade de Coimbra, outra conferência sobre a *Poesia Moderníssima do Brasil*, em que, sem definido critério e sem nenhuma análise, ao contrário do que Cecília Meireles faria cinco anos depois na mesma Universidade, se limitou a “leituras salteadas, sem pretensões a estudo” (1930: 9), que realmente não fez, de poetas pré-modernistas e modernistas, entre os quais Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Carlos Drummond, que não lhe mereceu uma só qualificação, ou Jorge de Lima, que nomeou como Jorge Lima e deu erradamente como paraibano.

Mas, no decurso da década de 1920, apareceria um português muito empenhado na divulgação e estudo da literatura brasileira, incluindo a modernista. Trata-se de José Osório de Oliveira, que, em entrevista ao *Diário de Lisboa* de 19 de julho de 1923, prometeu: “Hei-de escrever um dia um estudo sobre essa admirável literatura”. Essa entrevista foi concedida no momento em que o “moço escritor”, então com 23 anos, partia para o Brasil, para cuidar da livraria que a sua mãe instalara em São Paulo. A mãe era Ana de Castro Osório, então bem conhecida nos dois países, pelas suas lutas pioneiras em favor de causas feministas, pelo seu trabalho em políticas educativas, sobretudo de educação infantil ou juvenil, e pelas suas crónicas publicadas também em jornais do Brasil; ela partira para este país com os dois filhos, João e José, quando o seu marido, o poeta pós-simbolista Paulino de Oliveira⁵ (que se antecipara a Camilo Pessanha na declaração da sua paixão por ela, e que era um republicano militante) foi nomeado, em 1911, cônsul português em São Paulo. A tuberculose matá-lo-ia em 1914, o que determinou o retorno da viúva e dos filhos a Lisboa. Mas voltaria por 8 meses ao Brasil em 1923 por causa da livraria que fundara e para fazer

⁴ “Pegue-se num corno, chame-se-lhe prosa, e ter-se-á o estilo do sr. Manuel de Sousa Pinto” (PESSOA, 1986: II, 1226).

⁵ Pessoa manteve algum contacto com os filhos de Ana de Castro Osório, João Castro Osório (1899-1970) e José Osório de Oliveira (1900-1964), tendo também dedicado alguma atenção ao livro *Poemas*, de Paulino Gomes de Oliveira (1864-1914); cf. uma carta dirigida a Osório de Oliveira parcialmente publicada no número 6/7 da revista *Descobrimento*, sob o título “Sôbre os ‘Poemas’ de Paulino de Oliveira” (1932, pp. 333-334). Na Biblioteca particular de Fernando Pessoa, conservam-se três livros de Osório de Oliveira (*Literatura Brasileira*, 1926, CFP 8-393; *Espelho do Brasil*, 1933, CFP 8-394; e *Psicologia de Portugal*, 1934, CFP 8-395), um livro de Castro Osório sobre Sidónio Pais (*Um Ano de Ditadura*, 1924, CFP 3-51) e *Poemas*, de Paulino de Oliveira (1932, CFP 8-396). Para uma análise mais aprofundada das relações entre Pessoa e a revista *Descobrimento*, assim como para um estudo de algumas aproximações entre o seu pensamento e o de Castro Osório, cf. SOUSA (2021).

uma série de conferências, reunidas em 1924 no livro, editado no Brasil, *A Grande Aliança*. Uma dessas conferências tinha o título “O novo idealismo da raça através da moderna literatura portuguesa”. Nela invocou vários escritores, como Eça, Antero, Nobre, Cesário, o seu amigo Camilo Pessanha, o seu familiar Alberto Osório de Castro, o seu falecido marido Paulino, Junqueiro, Pascoais, mas, falando de “novos” e da “moderna geração”, contentou-se em referir “Correia de Oliveira, Fausto Guedes Teixeira, Augusto Gil, Mário Beirão” e... o seu filho João de Castro (Osório) (OSÓRIO, 1997: 113-141).



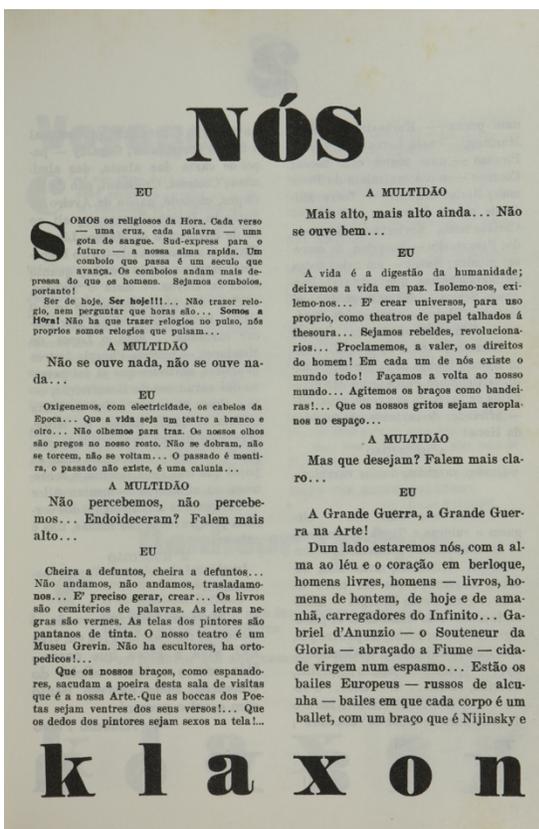
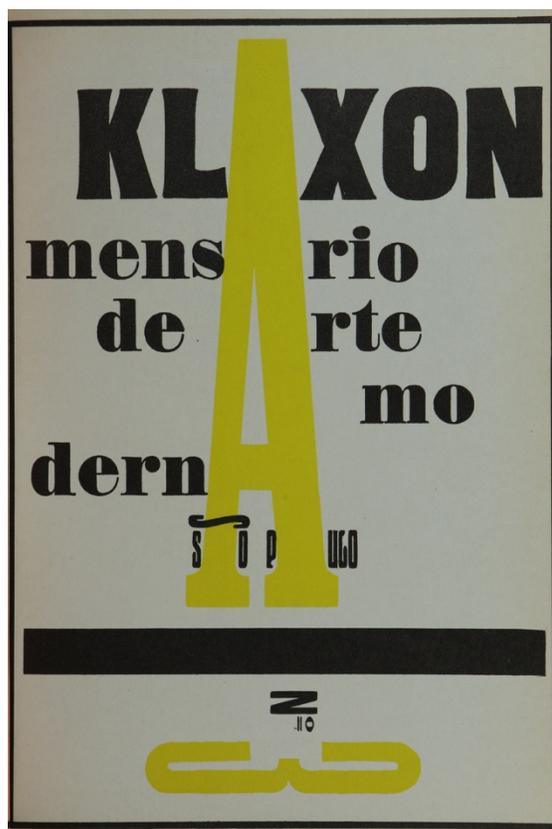
Fig. 4. Fernando Pessoa com João de Castro Osório.

Ana de Castro Osório quase poderia ter-se cruzado em São Paulo, se é que não se cruzou, com outra escritora portuguesa, Fernanda de Castro, que casara por procuração com António Ferro e, em agosto de 1922, foi ter com ele ao Brasil, onde realizaria alguns recitais. Num deles, no Teatro Municipal de São Paulo, recitou em 5 de Dezembro poemas dela, do marido, de Virgínia Vitorino, de Augusto de Santa Rita, de Maria de Carvalho, assim como de Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, mas nem aí nem noutros palcos incluiu alguma vez poemas dos amigos de seu marido, Pessoa, Sá-Carneiro, Montalvor, Côrtes-Rodrigues...

Voltando a São Paulo em julho de 1923, José Osório de Oliveira não podia deixar de tomar conhecimento da agitação cultural que a Semana provocara. Foi nessa altura que conheceu pessoalmente Mário de Andrade, que lhe ofereceu o livro *Pauliceia Desvairada* e que cerca de dez anos mais tarde iniciaria com ele a troca de

mais de uma vintena de importantes cartas, que tive o prazer de publicar (SARAIVA, 1985: II, 80-147), quando não podia publicar nem consultar as do seu correspondente português, que agora estão a estudar duas professoras brasileiras (Mihriane Mendes de Abreu e Marina Damasceno de Sá).

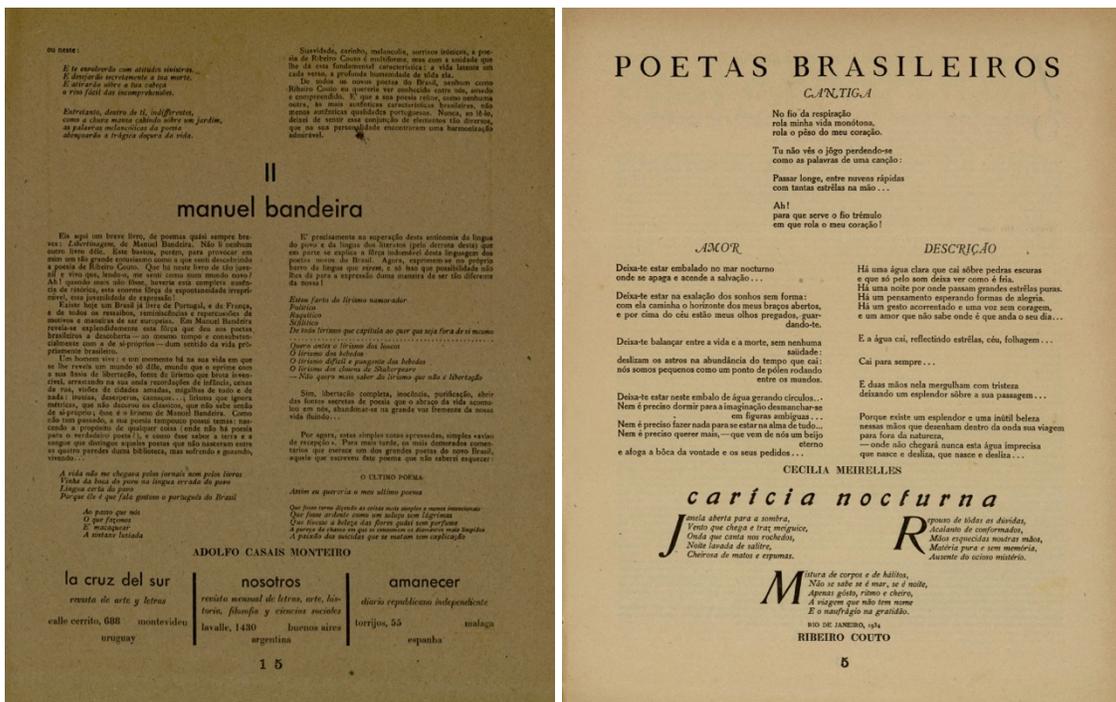
Mas, no regresso a Portugal, Osório cumpriu a sua promessa; a partir de um artigo sobre Graça Aranha que publicou em 1924 na revista integralista *Nação Portuguesa*, preparou uma conferência incluída em 1926 no livrinho *Literatura Brasileira* e reproduzida em 1933 no livro *Espelho do Brasil* (OLIVEIRA, 1933: 67-81). Nessa conferência, como ele próprio disse, sem ordem, sem método e sem plano, mas valendo-se de vários exemplos textuais, delineou um panorama dos autores e das obras então mais lidas no Brasil, desde os parnasianos e pós-simbolistas aos que ergueram o estandarte da *Klaxon*, a primeira revista modernista brasileira; as suas observações impressionistas (“esta conferência é feita de impressões”) davam no entanto a entender que caminhos abria ou se abriam então na nova literatura brasileira e que autores pareciam mais interessantes. Ele não disfarçava a sua simpatia por alguns dos autores, como Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho e Cecília Meireles, que mais tarde se gabaria de ter revelado ao Brasil. De Oswald quase nada disse, e de Drummond nem falou.



Figs. 5a. e 5b. *Klaxon*, n.º 3, de 1923. Capa e p. 3 (texto de António Ferro).

Em 1924 e 1925 foram publicados 5 números da revista modernista *Athena*, dirigida por Fernando Pessoa e por Raul Vaz (cf. <https://purl.pt/22125>). Nela não foi publicada qualquer matéria relacionável com o Brasil. Mas, poucos anos depois, apareceria uma revista que teria um papel importante na revelação de alguns escritores modernistas brasileiros – a revista *Presença*, que surgiu em Coimbra em 10 de março de 1927 (cf. https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_item1/index.html). Se, na sua fase inicial, parece contemplar sobretudo a França e a Espanha, mas não o Brasil, a partir do seu n.º 31-32, de março-junho de 1931, abriu as suas páginas a colaborações sobre brasileiros e a colaboradores brasileiros: Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Guilherme de Almeida, Cecília Meireles, Alphonsus de Guimaraens Filho, Manuel Bandeira e, no último número, de fevereiro de 1940, Mário de Andrade.

Essa “presença” brasileira deveu-se fundamentalmente à relação que então estabeleceram o jovem francês Pierre Hourcade, que conviveu em Coimbra com os diretores da *Presença*, tendo colaborado logo em dois números de 1930, o seu amigo recente, então diplomata em Marselha, Ribeiro Couto, e Adolfo Casais Monteiro, que, já colaborador da revista, se tornou um dos seus diretores a partir do n.º 34, de novembro-fevereiro de 1932, onde publicou notas sobre os “poetas novos do Brasil”, sobre Ribeiro Couto – de que Edições Presença publicaria em breve o livro *Província – e sobre Manuel Bandeira, que em 1943 lhe mereceu o volume, publicado pela Editorial Inquérito, Manuel Bandeira - Estudo da sua Obra Poética seguido de uma Antologia.*



Figs. 6a. e 6b. *Presença*, n.º 34, de 1932, n.º 45, de 1935. Texto de Adolfo Casais Monteiro sobre Manuel Bandeira. Poemas de “Poetas brasileiros”: Cecília Meireles e Ribeiro Couto.

A Osório de Oliveira e a Casais Monteiro juntar-se-ia, na *Presença*, outro brasilófilo: Alberto de Serpa, que já colaborava na revista como poeta e como crítico (de obras de Jorge de Lima e de Jorge Amado) quando na sua última fase se tornou seu secretário de redação, função que exerceu também noutra importante revista, a *Revista de Portugal* (https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RB-38-41_3/UCBG-RB-38-41_3_item1/index.html), criada por Vitorino Nemésio; nos dez números, publicados de 1937 a 1940, esta revista incluiu colaborações de Ribeiro Couto, Adalgisa Nery, Alphonsus de Guimaraens Filho, Cecília Meireles, Jorge Amado, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. Lembre-se que Nemésio viria a escrever vários livros – de prosa e de poesia – com incidência brasileira e seria professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Lisboa.

Regressado do Brasil, onde criara a editora Anuário do Brasil, Álvaro Pinto, que fundara e editara várias revistas portuguesas e brasileiras, investiu em 1938 noutra revista, *Ocidente*, onde haveria largo espaço para a cultura e literatura brasileira; no seu volume v, de 1939, publicaria (pp. 337-353) um ligeiro ensaio de Artur Augusto sobre “A moderna poesia brasileira”. Mas nessa altura já a nova literatura brasileira, em especial a dos romancistas nordestinos, comparecia com alguma frequência na imprensa portuguesa; por exemplo, no semanário *O Diabo*, publicado de 1934 a 1940 (cf. http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_7539), podemos encontrar colaborações de Drummond, Jorge de Lima, Cecília Meireles, José Lins do Rego, Murilo Araújo; e, antes dele, na revista *Descobrimento*, com sete números publicados em 1931 e 1932, colaboraram Ribeiro Couto, Olegário Mariano, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira. Esta revista, dirigida por João de Castro Osório, era sobretudo organizada pelo seu irmão José Osório de Oliveira, que, na década de 1930, travou correspondência assídua com numerosos escritores brasileiros e publicou livros, artigos e ensaios sobre literatura brasileira, como o que deixou no luxuoso volume *Brasil*, editado em 1938 em colaboração com João de Barros e Gastão de Bettencourt. Em 1939 publicaria a sua *História Breve da Literatura Brasileira*, com um capítulo sobre “a libertação pelo modernismo”; e anos mais tarde assumiria a responsabilidade de outra importante revista luso-brasileira, *Atlântico*.⁶

⁶ *Atlântico: Revista Luso Brasileira* foi uma publicação publicada entre 1942 e 1950, ao longo de três séries, contando com dezasseis números. A revista deriva de um Acordo Cultural Luso-Brasileiro assinado em 4 de setembro de 1941, no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, contando com António Ferro e Lourival Fontes como subscritores, representando, respetivamente, o Secretariado de Propaganda Nacional português e o Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro. A revista destacou-se por um elenco de colaboradores muito eclético, destacando-se os portugueses Aquilino Ribeiro, José Régio, Carlos Queiroz, Vitorino Nemésio, Fernanda de Castro, João de Castro Osório, José Osório de Oliveira, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, Ruy Cinatti, António Pedro, Luís Amaro, Maria Archer, entre outros, e os brasileiros Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Raul Bopp, Clarice Lispector, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lígia Fagundes Telles, entre outros. Cf. SARAIVA (1968), ALCÂNTARA (2016) e SALLA (2020); cf.: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Atlantico_RevistaLusoBrasileira/Atlantico.htm.

Nos fins da década de 1930 havia já em Portugal, além de José Osório, um pequeno grupo de intelectuais muito atentos à literatura brasileira moderna: Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Alberto de Serpa, Vitorino Nemésio e Manuel Anselmo. Este publicaria em 1939 o primeiro estudo longo sobre *A Poesia de Jorge de Lima*, como publicaria, em jornais, artigos sobre Bandeira, Drummond e Gilberto Freyre, que depois reuniu no livro *Família Literária Luso-Brasileira* (1943).

Serpa publicaria em 1943 a antologia *As Melhores Poesias Brasileiras*, onde entraram vários modernistas, alguns dos quais também contemplados nas duas antologias – *A Poesia Moderna do Brasil* (1942) e *Pequena Antologia da Moderna Poesia Brasileira* (1944) – de José Osório de Oliveira que, poucos anos depois, publicaria a antologia *Contos Brasileiros*, onde entraram os modernistas Mário de Andrade, Ribeiro Couto, António de Alcântara Machado, João Alphonsus, e a antologia *Ensaístas Brasileiros*, onde compareceram os modernistas Gilberto Freyre, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Graça Aranha.

O emigrante portuense António de Sousa Pinto, que, em 1939, fora um dos fundadores da importante editora e livraria carioca Livros de Portugal, regressou em 1944 a Lisboa, onde, com Joaquim de Sousa Pinto, criou a editora Livros do Brasil, que nos anos seguintes iria publicar obras de muitos escritores brasileiros, sobretudo prosadores, mas geralmente sem relação com o Modernismo; só que se empenharia também na importação e distribuição em Portugal e nas suas colónias de livros publicados por várias editoras brasileiras, que, então, como antes e depois, nunca puderam incrementar devidamente o seu comércio em terras europeias ou africanas.

Não é aqui e agora possível prolongar para lá dos meados do século XX a referência ao que sobre o e do Modernismo brasileiro foi publicado em Portugal, onde foram feitas edições de obras de vários autores – de Ribeiro Couto a Cecília Meireles, a Bandeira e a Drummond –, ou onde em 1986 foi publicado o meu *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* e em 2005 foi publicada a antologia *Seria uma Rima, não Seria uma Solução – A Poesia Modernista*, organizada por Abel Barros Baptista e Osvaldo M. Silvestre. Será decerto surpreendente a análise das opiniões e teorias dos críticos portugueses sobre obras ou autores do Modernismo brasileiro, sobre a comparação deste com o português, de que já em tempos se ocuparam ensaístas credenciados como Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena, ou sobre as influências dos modernistas brasileiros em portugueses, como as que já apontei de Drummond (SARAIVA, 2021b).

O que por agora podemos dizer em síntese é que os autores e obras modernistas brasileiras chegaram geralmente a Portugal com escassez, com atrasos, desequilíbrios e lacunas, quando chegaram. Não é difícil perceber por que razão Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Jorge de Lima se tornaram conhecidos em Portugal bem mais cedo do que, por exemplo, Drummond. Nem é difícil perceber por que é que autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade ou Raul Bopp não mereceram atenções de editores portugueses.

Mas o que em Portugal aconteceu com o modernismo brasileiro tem muito de semelhante ao que aconteceu no Brasil com o modernismo português. E não pode deixar de espantar que quase se tenham ignorado mutuamente os talvez mais importantes movimentos culturais e literários da língua portuguesa.

O que também é espantoso é que a receção portuguesa do Modernismo brasileiro tenha sido em geral calorosa, simpática, exaltante, sem ressentimentos nem restrições em relação a desvios da norma linguística portuguesa, a exotismos e a proclamações nacionalistas, depreciativas e até ofensivas da cultura portuguesa. Lembrem-se as propostas de Mário de Andrade na *Gramatiquinha da Fala Brasileira* (PINTO, 1990) ou as frases bombásticas de uma crónica de Drummond de ANDRADE (1924) – “um povo que gerou *os Lusíadas* e morreu” –, de um discurso de Graça ARANHA em 19 de Junho de 1924 – “Em vez de tendermos para a unidade literária com Portugal, alarguemos a separação. [...] Não somos a câmara mortuária de Portugal” (1925: 42; cf. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3929>) – e de um manifesto de Oswald de ANDRADE – “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (1928: 7; cf. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7064>).

Já se sabe que a provocação, o exagero e a ignorância podem afetar até os melhores movimentos artísticos, e os seus críticos e historiadores. Veja-se o que puderam escrever um ensaísta tão limitado como Afrânio Coutinho e um ensaísta tão lúcido como Antonio Candido já muito depois de encerrado o período de militância do modernismo brasileiro: que este tinha acabado definitivamente com a influência da literatura portuguesa na brasileira.

Hoje podemos rir-nos desse e de outros equívocos, seja de modernistas portugueses, que nos anos 1920 podiam achar que os grandes escritores do Brasil eram Coelho Neto, Olegário Mariano ou Catulo da Paixão Cearense (que o próprio Pessoa achou o mais digno de um prémio Nobel⁷), como podemos rir-nos de modernistas brasileiros que exaltaram a figura secundária de Graça Aranha, e achavam geniais os portugueses Júlio Dantas e António Ferro. Júlio Dantas, ridicularizado pelos modernistas portugueses, sobretudo num célebre manifesto de Almada Negreiros (“morra o Dantas, pum!”) e num texto da *Presença*, n.º 37, de fevereiro de 1933 (“uma das fulgentes nulidades nacionais”), apressou-se a elogiar o livro pré-modernista *Juca Mulato* (1917), de Menotti del Picchia – que sob o nome de Helios também publicaria um rasgado elogio do português no *Correio Paulistano* de 26 de outubro de 1920 –, assim como se apressaria a louvar o livro modernista *Martim Cererê* (1928) de Cassiano Ricardo; tanto Menotti como Cassiano transcreveriam

⁷ Essa informação é fornecida por Carlos QUEIROZ, num nota incluída no artigo “Catulo da Paixão Cearense e a poesia popular”: “Recordo-me de que um dia (em 1932 ou 33) conversando com Fernando Pessoa acerca da possibilidade de o Prémio Nobel da Literatura ser atribuído, nesse ano, a um poeta português, citando-lhe os nomes indigitados por um periódico de Lisboa que se ocupara do assunto, ele respondeu-me que o único poeta vivo da nossa língua cuja obra, com os seus evidentes defeitos, correspondia às condições fundamentais desse prémio, era Catulo da Paixão Cearense” (1946: 33).

orgulhosamente as palavras de Dantas em edições dos seus livros. Já António Ferro suscitou os maiores elogios de numerosos e qualificados modernistas brasileiros – Ronald de Carvalho, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, José Lins do Rego, Menotti del Picchia, Aagar Renault e Carlos Drummond de Andrade.

Como se António Ferro, e não os então quase desconhecidos Pessoa, Sá-Carneiro ou Almada Negreiros, pudesse ser o melhor representante da moderna literatura portuguesa.

Bibliografia

- ALCÂNTARA, Lúcio (2016). “Atlântico. Uma revista, dois regimes”. *Revista do Instituto do Ceará*, ano CXXX, 2016, pp. 209-224. Disponível em linha: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/2016indice.html>
- ANDRADE, Carlos Drummond de (1924). “Poesia brasileira”. *Diário de Minas*, 17 de outubro.
- ANDRADE, Oswald de (1928). “Manifesto Antropófago”. *Revista de Antropofagia*, n.º 1, maio, pp. 3 e 7.
- ____ (1923) “Ideias-novas – A arte e a literatura do Brasil moderno”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, 19 de dezembro.
- ARANHA, Graça (1925). *O Espírito Moderno*. São Paulo: Monteiro Lobato.
- ATHAYDE, Tristão de (1972). [Entrevista]. *Voices, Revista de Cultura*, vol. LXVI, n.º 1, Petrópolis, janeiro-fevereiro.
- DEROUET, Luis, (1923). *Duas Pátrias*. Lisboa: Sociedade Editora O Mundo.
- FERRO, António (1924). “A nova literatura brasileira”. *Diário de Notícias*, Lisboa, 31 de maio.
- ____ (1923). “Carta aberta ao Portugal de Hoje ao Portugal de vinte e tantos anos”. *Contemporânea*, n.º 9, Lisboa, março, pp. 151-154.
- FALCÃO, Victor (dir.) (1983). *Revista Portuguesa: Literatura Crítica de Arte Sport Teatro Música Vida Estrangeira*. Lisboa: Contexto Editora. Edição fac-similada.
- FREYRE, Gilberto (1978). *Cartas do Próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*. Rio de Janeiro: MEC-CFC / Departamento de Assuntos Culturais.
- ____ (1925). “Apologia pro generatione sua”. *Portugália*, n.º 2, Lisboa, novembro, pp. 89-103.
- GOMES, Ruy (1923). “Vida intelectual brasileira – Os grandes desconhecidos”. *Revista Portuguesa*, n.º 5, Lisboa, 14 de abril, pp. 21-28.
- LIMA, Alceu Amoroso (1972). “Modernismo: 50 anos depois – Entrevista com Alceu Amoroso Lima”. *Voices, Revista de Cultura*, vol. LXVI, n.º 1, Petrópolis, janeiro-fevereiro.
- OSÓRIO, Ana de Castro (1997). “O novo idealismo da raça através da moderna literatura portuguesa”. *A Grande Aliança*. Viseu: Instituto Piaget, pp. 113-141.
- OLIVEIRA, José Osório de (1933). *Espelho do Brasil*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- PESSOA, Fernando (1986). *Obra Poética e em Prosa*. Introduções, organização, bibliografia e notas de António Quadros. Porto: Lello & Irmão. Vol. II, Prosa I.
- PINTO, Edith Pimentel (1990). *A Gramatiquinha de Mário de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades.
- PINTO, Manuel de Sousa (1930). *Poesia Moderníssima do Brasil*. Coimbra: Coimbra Editora.
- QUEIROZ, Carlos (1946). “Catulo da paixão cearense e a poesia popular”. *Atlântico: revista luso-brasileira*, nova série, n.º 2, 17 de setembro, pp. 30-33. Em linha: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Atlantico_RevistaLusoBrasileira/NovaSerie/N02/N02_item1/P42.html
- SALLA, Thiago Mío (2020). “Carlos Drummond de Andrade e José Osório de Oliveira: a divulgação da poesia drummondiana na revista luso-brasileira *Atlântico*”. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, vol. 29, n.º 3. <https://doi.org/10.17851/2358-9787.29.3.111-137>
- SARAIVA, Arnaldo (2021a). *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Batel.
- ____ (2021b). *Carlos Drummond de Andrade, na Poesia Portuguesa*. Porto: Livraria Académica.
- ____ (1985). *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português: Subsídios Para o Seu Estudo e Para a História das Suas Relações*. Porto: [s. n.], 1985. Vol. II, Documentos Inéditos.
- ____ (1968). “A revista *Atlântico* e a cultura lusa e brasileira”. *Diário de Notícias*, Lisboa, 22 de fevereiro.
- SOUSA, Rui (2021). “Pessoa, Keyserling, Castro Osório: Notas sobre a identidade nacional em torno de *Descobrimento* (1931-1932)”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 19, primavera, pp. 104-146. Brown University Repository, Brown University Library. Veja-se: <https://doi.org/10.26300/xzv5-yg53>

XAVIER, Rodrigo (2020). “Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, primavera, pp. 543-572. Brown University Repository, Brown University Library. Ver: <https://doi.org/10.26300/s0aq-b080>

ARNALDO SARAIVA, investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ensinou na Universidade da Califórnia em Santa Barbara, na Universidade de Paris – Sorbonne Nouvelle e na Universidade Católica Portuguesa – Porto. Foi membro da direção da Cooperativa Árvore, presidente do Conselho Geral do Boavista Futebol Clube, fundador do Centro de Estudos Pessoaanos, presidente da Fundação Eugénio de Andrade, cronista do *Jornal de Notícias*, *Público*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Fundão*, diretor das revistas *Persona* (codireção), *Terceira Margem* e *Cadernos de Serrúbia*, colaborador da Radiotelevisão Portuguesa e da Radiodifusão Portuguesa e ator em filmes de Luís Galvão Teles, António Reis, Saguenail e Joaquim Pinto. Sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, é autor de extensa bibliografia (ensaio, poesia, crónica e tradução), em que se incluem obras como: *Literatura Marginalizada* (2 vols., 1975 e 1980), *Fernando Pessoa e Jorge de Sena* (1981), *In* (poemas, 1983), *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986; 3.^a ed., 2015), *Fernando Pessoa Poeta – Tradutor de Poetas* (1996), *O Sotaque do Porto* (1996), *Conversas com Escritores Brasileiros* (2000), *Folhetos de Cordel e Outros da minha Coleção* (2006), *Poesia de Guilherme IX de Aquitânia* (2008), *O Génio de Andrade* (2014), *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (1916), *Dar a Ver e a se Ver no Extremo: O Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto* (2014), *Os Órfãos do Orpheu* (2015), *Vergílio Ferreira, Seminarista nos Seminários do Fundão e da Guarda* (2017), *Carlos Drummond de Andrade, uma Pedra (Preciosa) no meio do (meu) Caminho* (2018), *João Cabral de Melo Neto na Poesia Portuguesa* (2020).

ARNALDO SARAIVA, researcher at the Transdisciplinary Centre “Culture, Space and Memory” (CITCEM emeritus Professor at the University of Porto, in whose Faculty of Letters he taught, as well as in other universities such as the University of California in Santa Barbara, the University of Paris – Sorbonne Nouvelle and the Portuguese Catholic University of Porto. He was a member of the board of Cooperativa Árvore, president of the General Council of Boavista Football Club, founder of the Center of Pessoa Studies, president of the Foundation Eugénio de Andrade, columnist for the *Jornal de Notícias*, *Público*, *Diário de Notícias* and *Jornal do Fundão*, director of the Journals *Persona* (co-director), *Terceira Margem* and *Cadernos de Serrúbia*, collaborator of the Portuguese Radio Television and Portuguese Broadcasting and was also an actor in movies by Luís Galvão Teles, António Reis, Saguenail and Joaquim Pinto. He is a corresponding partner of the Brazilian Academy of Letters, and author of an extensive bibliography (essay, poetry, chronicle and translation), where the following works are included: *Literatura Marginalizada* (2 vols., 1975 e 1980), *Fernando Pessoa e Jorge de Sena* (1981), *In* (poemas, 1983), *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986; 3rd ed., 2015), *Fernando Pessoa Poeta – Tradutor de Poetas* (1996), *O Sotaque do Porto* (1996), *Conversas com Escritores Brasileiros* (2000), *Folhetos de Cordel e Outros da minha Coleção* (2006), *Poesia de Guilherme IX de Aquitânia* (2008), *O Génio de Andrade* (2014), *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (1916), *Dar a Ver e a se Ver no Extremo: O Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto* (2014), *Os Órfãos do Orpheu* (2015), *Vergílio Ferreira, Seminarista nos Seminários do Fundão e da Guarda* (2017), *Carlos Drummond de Andrade, uma Pedra (Preciosa) no meio do (meu) Caminho* (2018), *João Cabral de Melo Neto na Poesia Portuguesa* (2020).